

A IDENTIDADE DOS DESCENDENTES DE ALEMÃES EM “UM RIO IMITA O RENO”, DE VIANNA MOOG

THE IDENTITY OF GERMAN DESCENDANTS ON “UM RIO IMITA O RENO”, BY VIANNA MOOG

Juliana Bezerra de Oliveira SACHINSKI*

Márcia Maria de MEDEIROS**

Resumo: Este artigo irá abordar o âmbito das questões de integração cultural do povo alemão na obra de autor brasileiro Vianna Moog, *Um Rio Imita o Reno*. O espaço do romance é marcado pela existência de uma cidade imaginária chamada Blumental, e o próprio trabalho traz aspectos muito representativas da cultura do sul do Brasil, marcados por estereótipos e costumes originários das tradições dos imigrantes que viveram nesta região e seus descendentes.

Palavras-chave: Vianna Moog – Identidade – Estudos culturais.

Abstract: This article will address the scope of the issues of cultural integration of German people in the work of Brazilian author Vianna Moog, *Um Rio Imita o Reno*. The space of this novel is marked by the existence of an imaginary city called Blumental, and the work itself brings aspects very representative of the culture of southern Brazil, marked by stereotypes and customs originating in the traditions of immigrants who have lived in this region and their descendants.

Keywords: Vianna Moog – Identity – Cultural studies.

Introdução

Dentre muitas formas literárias, o romance observa a relação homem *versus* mundo real, e as questões relacionadas ao espaço de pertencimento de cada um. Assim, a relação homem *versus* sujeito histórico e social, fica mais clara. Segundo Watt, no gênero romance, está implícita a premissa de:

Constituir um relato completo e autêntico, de experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum entre outras formas literárias (WATT, 1990, p. 31).

Desta forma, o romance interessa aos estudiosos e estudiosas enquanto experiência humana, confirmando uma característica essencial da natureza dos homens

* Mestre em Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Historiográficos de Mato Grosso do Sul (NEHMS). E-mail: julianaboliveira@hotmail.com

** Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Professora do curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Historiográficos de Mato Grosso do Sul (NEHMS). E-mail: marciamaria@uems.br

e mulheres, denotando a preocupação que aqueles e aquelas constroem em relação às suas identidades e aos seus destinos. A inteligência desta estrutura está em saber como o texto literário se forma a partir de um determinado contexto, sem esquecer que dele fazem parte as vivências individuais e sociais que dão lastro ao texto literário, e o amarram ao mundo em que se vive.

O estudo da obra literária dentro de um cunho científico carrega em si um momento analítico, que deixa em suspenso problemas referentes ao autor, ao valor da sua obra e a sua atuação psíquica e social: esse momento crítico indaga acerca da validade e função da obra enquanto síntese e projeção da experiência humana, enquanto elemento que constrói diversos processos, entre eles o de construir alicerces/definir as identidades.

Construção da identidade

Dentro desta premissa nasceu a ideia deste artigo, qual seja ela: pensar a relação entre a literatura e a construção da identidade na obra *Um Rio Imita o Reno*. O “regionalismo”¹ presente na obra, demonstrado na relação do homem com o trabalho, com a terra, com as relações sociais e culturais, é, ao mesmo tempo, reforçado por algumas personagens do romance, como *frau* Marta, e desestabilizado por outras, como é o caso do estranhamento do engenheiro Geraldo, amazonense, ao se deparar com os costumes dos descendentes alemães que viviam naquela cidade fictícia.

Geraldo, de acordo com o enredo do romance, não sentia a sensação de pertença em relação à Blumental. Muitas vezes, ele se sentia como um estranho no ninho, já que os costumes variavam muito de uma região para outra, e no comparativo o Amazonas, região da qual ele é originário, parece ser outro país se comparado a Blumental, conforme se afez da citação abaixo, extraída do texto de Moog (2005, p. 36):

Blumental dava-lhe a impressão de cidade do Reno extraviada em terra americana. Desde o gótico da igreja, até dura austeridade das fachadas, tudo nela, à exceção do jardim, era grave, rígido, tedesco. Os sinos plangeram dentro da noite que se adentrava. Onomatopeia da melancolia. Como se estivesse ouvindo novamente o prelúdio do piano, um tumulto, uma angústia interior agarrava-lhe as entranhas. Geraldo teve vontade de chorar. Sentia saudades do Brasil.

Um Rio Imita o Reno está organizado de forma sequencial, tendo por premissa as estações do ano, daí se poder dizer que o tempo narrativo marca o período de aproximadamente um ano, no qual o engenheiro Geraldo permanece na cidade ficcional

de Blumental, no sul do país. Os fatos narrados na obra permitem aos leitores e leitoras, a percepção de que o período no qual ela se passa diz respeito ao momento em que a Europa enfrentava os rigores do nazismo e o Brasil sofria a ação do governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas.

O engenheiro, protagonista da estória, chega durante o verão e logo inicia seu trabalho na construção da usina hidráulica. Ele faz amizades com várias pessoas da cidade e conhece Lore, uma alemã encantadora por quem Geraldo se apaixona. No outono, assim como a natureza se transforma diante da chegada do inverno, também os personagens passam por uma série de dificuldades e mudanças, como por exemplo, a descoberta do namoro de Lore e Geraldo e a imediata reação negativa da família dela, movida pelo preconceito racial.

No inverno a situação entre o casal protagonista fica mais tensa e há um rompimento. Geraldo vai para o Rio de Janeiro e Lore é acometida por febre tifóide. E na primavera, última parte do romance, assim como na natureza os galhos secos se enchem de brotos e flores, a história também conta com uma espécie de florescer. Lore escapa da morte e a família passa por alterações em hábitos do cotidiano, após *frau* Marta descobrir que a sua família, considerada de “puro sangue” ariano, tem descendência judaica.

Para a família de Lore, o engenheiro tem sangue de índio, o que exclui a possibilidade dele pertencer àquela família. De acordo com Stuart Hall (2005), há uma celebração móvel em relações as formas pelas quais somos representados, fazendo com que não haja mais uma identidade unificada. Lore e Geraldo estavam no mesmo espaço físico, mas em mundos de representação identitária completamente diferentes, devido à negação, por parte da família de Lore, desta fluidez cultural.

Assim, pode-se afirmar que a família de tradição germânica está representada por uma identidade que amarra o sujeito à estrutura (são brancos, arianos, simpatizantes do nazismo, seguidores das lógicas culturais oriundas deste mundo). Essa prática representa o elemento estabilizante dos seus “eus” e do seu mundo cultural e os unifica a partir desse prisma, criando uma fantasia a qual eles usam confortavelmente. Sobre isso Stuart Hall ainda afirma que: “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’” (HALL, 2005, p. 13). A família Wolf nega qualquer variedade desconcertante e mutável de identidades possíveis.

Para Zygmunt Bauman (2005, p. 11),

[...] a questão de identidade também está ligada ao colapso social do estado de bem estar social e ao posterior crescimento de sensação de insegurança com a 'corrosão do caráter' que a insegurança e a flexibilidade no trabalho têm provocado na sociedade.

Essa transformação no conceito identitário, segundo Bauman, afeta as condições de trabalho, a subjetividade coletiva, a produção cultural e a vida cotidiana, bem como a relação eu e o outro.

A chegada de Geraldo nessa área de colonização alemã traz consigo a quebra de um protótipo identitário marcando pontos de conflito cultural e étnicorracial na área que corresponde a Blumental e arredores. Sua presença e o seu relacionamento com Lore marcam esses elementos e demonstram esse processo de ruptura, conforme se percebe na citação abaixo, extraída do texto de Moog (2005, p. 95-96):

Conhecia suficientemente a mãe, os seus escrúpulos, os seus preconceitos relativamente aos rapazes brasileiros, para não sentir-se alarmada com a possibilidade dela já estar ao par do seu namoro e de vir a saber que ela dançara quase toda a noite de um deles. Que não diria então, quando soubesse que sua filha, ariana, estava apaixonada, irremediavelmente apaixonada, por um desses seres, que ela, por princípio, aborrecia e detestava. Ah! Não podia, nem devia fazer ilusões: teria de atravessar momentos angustiosos, difíceis. Mas havia de lutar, porque de nada lhe acusava a consciência. Evitou o quanto pôde gostar de Geraldo, apesar da perturbação em que ficava quando ele a encarava com o seu olhar insistente magnético, penetrante.

Sobre os dois, pesa o fanatismo dos preconceitos raciais e culturais, e no conjunto do texto se percebe o quanto as pessoas do lugar possuem hábitos que imitam os costumes europeus. Apesar de terem nascido no Brasil, diversas personagens do romance de Vianna Moog sentem-se, ou identificam-se como sendo europeus e se posicionam como tal. Esse processo revela outro elemento da questão da identidade, qual seja ele a relação com o caráter da mudança dentro da modernidade tardia, o qual permeia a questão da globalização x identidade cultural.

A sociedade moderna caracteriza-se por ser um espaço que muda de forma constante, rápida e permanentemente. Ela não é um todo unificado, muito menos um espaço bem delimitado, uma espécie de totalidade. Esta sociedade caracteriza-se por ser constantemente descentrada e deslocada, pois conta com forças centrífugas que a obrigam a mudança, caso dos imigrantes e migrantes por exemplo.

Assim sendo, encontram-se nela inseridos diversos espaços de antagonismo social de divisões que produzem identidades diferentes (é o que a vinda de Geraldo representa para a tão calma e tranquila Blumental). Tais grupos só não se desintegram

porque possuem poder de rearticulação de grupos e elementos, os quais são rearranjados, recriando o equilíbrio. Pode-se mesmo dizer, que nesse arranjo, desarranjo e rearranjo é que se alinhavam as costuras da História com suas transformações, permanências e rupturas.

Sobre esse posicionamento, Hall (2005, p. 17) afirma:

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidade – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta.

Essa concepção de identidade é perturbadora porque provisória e aberta, permitindo uma série de deslocamentos, os quais desarticulam as identidades estáveis do passado, abrindo brechas para novas articulações, novas identidades e novos sujeitos.

A Representação da Identidade Nacional

Neste espaço social representado no romance se movimentam as seguintes personagens: *frau* Marta; Paulo Wolff; Krentzer, o viajante Rubem; Armando Seixas, fiscal de consumo de Blumental; Bem-Turpin, o italiano, as quais acabam mudando de posicionamento quanto a sua própria cultura. Eles corroboram com a máxima de Stuart Hall, segundo a qual a representação de identidade nacional, não é nata, e sim formada e modificada no interior da representação (HALL, 2005, p. 9).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, o autor afirma que a nação é uma criação:

[...] nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’ (HALL, 2005, p. 106).

Por ter uma descendência germânica a família Wolff identifica-se com a cultura alemã, apesar de estar distante da conjuntura alemã histórica, cultural e social da

Alemanha. Eles se consideram alemães, se sentem e se identificam como sendo pertencentes ao grupo, e sentem-se no direito de, uma vez pertencentes a uma raça pura e nobre, discriminar e renegar quem não seja um dos seus. Stuart Hall (2005, p. 49) comenta esta lealdade de identificação com a seguinte ideia:

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais eram dadas à tribo, ao povo, à religião, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de ‘teto político’ do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas.

Hall parte do pressuposto de que as identidades nacionais não são coisas com as quais o indivíduo nasce, mas sim que elas são formadas e transformadas no interior da representação, ou seja, se sabe o que é ser inglês; ou brasileiro ou francês porque toda uma coletividade veio a ser representada por um epíteto que se convencionou chamar de cultura nacional (no caso inglesa, brasileira ou francesa).

A nação passa, portanto, a existir enquanto entidade política, enquanto sistema de representação cultural: as pessoas que a constituem não são apenas cidadãos ou cidadãs da nação tal como ela é representada, mas elas tornam-se entes participantes dessa ideia construída (e manipulada). A ideia da construção de uma cultura nacional assim praticada, criada na aderência ao signo de lealdade e identificação faz com que uma série de diferenças regionais e étnicas acabe sendo subordinada ao “estado-nação”, fonte que possui inúmeros significados para as identidades culturais modernas.

Essa formação criou padrões de *constructos* identitários universais, promoveu a generalização de uma língua unificada como meio dominante de comunicação, acarretando a criação de um arcabouço de cultura homogênea, além de manter instituições culturais em nível nacional (como as educativas, por exemplo). Cabe aqui perguntar, se essa (s) identidade (s) nacional (is) é (são) tão homogênea (s) e unificada (s) quanto representa (m) ser.

Essa característica chamada por Homi Bhabha (1998, p. 1) de “[...] ambivalência particular que assombra a ideia de nação”, engloba o discurso, a homogeneidade cultural e até o sistema educacional. No entanto, não se percebe que na verdade, diferentemente de uma homogeneidade, o que se encontra realmente em cada região é uma diversidade cultural muito ampla. Além do que, a ideia de pertença que os indivíduos podem construir/criar ou não quanto àquele local, região e/ou cultura.

Esta ênfase nas origens é uma tentativa de manter a tradição intemporalmente. Essa tradição, no entanto, é um produto, uma criação, como afirma Hall:

Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recentes e algumas vezes inventadas... tradições inventadas significa um conjunto de práticas... de natureza ritual ou simbólica, que buscam incutir certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado (HALL, 2005, p. 54).

Tal afirmativa de Stuart Hall vem de encontro com o que o romance *Um rio imita o Reno* narra, já que na obra o narrador apresenta a apreensão de personagens descendentes de alemães e alemães natos durante a II Guerra Mundial em relação ao espaço sociocultural no qual estão contidos. Esse cenário preconiza a ideia da antiga pátria considerada pura e superior ao local onde eles moram, mas do qual não se sentem parte efetiva. Os primeiros mantêm laços afetivos com esse outro lugar, alimentando uma espécie de tradição.

Essa ideia de pertença não afeta muito o engenheiro amazonense. Ele tenta, inclusive, entender os teutos, e busca em autores alemães a resposta para o entendimento desse comportamento encontrado por ele em Blumental e até então desconhecido em outros locais que ele conheceu e frequentou.

Geraldo percebe então que Blumental é a representação de parte da Europa incrustada no interior do Brasil. Percebendo isso, o engenheiro tenta entender os teutos, e parte para as leituras de clássicos alemães, dentre eles Goethe. Esse processo de tentativa de assimilação da realidade da qual ele passa a fazer parte pode ser percebido através da citação que segue:

Olhou a serra que servia de pano de fundo à perspectiva, a torre pontiaguda da igreja protestante, a ponte que ligava os dois braços de terra, o pesado e o soturno monumento do cais, e uma estranha sensação inundou-lho o coração. Tinha a impressão que não fizera uma viagem de sete horas de trem; de que em sua vida se dera uma brusca parada, cujo remate era aquele súbito despertar: parecia-lhe que tinha cruzado os oceanos e estava longe da pátria (MOOG, 2005, p. 36).

A mãe de Lore, *frau Marta*, não era nobre, mas tinha orgulho da descendência alemã e sentia-se superior há qualquer outro ser pertencente a qualquer outro grupo que não fosse seu patrício. No entanto, a ideia de pertencimento a um grupo étnico preconizada por *Marta* não estava ligada, necessariamente, ao local de nascimento, e sim à origem de seu patronímico. Ela mesma se considerava alemã, sem ter nascido

naquele país, mas por ser descendente de alemães e ostentar essa descendência na diferença da cor da pele, no acento da sua fala e no seu nome. Lore então, de acordo com o conceito de pertença da mãe, deveria se casar com um alemão ou ainda com um descendente de arianos, jamais com um indivíduo pertencente a outro grupo étnico. Assim a jovem manteria a “pureza” da sua etnia intacta. Isso pode ser percebido de acordo com a citação abaixo transcrita:

– Não suporto a ideia de ver-te casada com um homem de raça inferior. Era só o que faltava – afirmou *Frau Marta*. [...] Não. Nas veias de *Frau Marta* não corria sangue nobre, mas ela tinha orgulho de sua raça. Orgulho de descender dos alemães, de haver casado com um filho de alemão. Ela mesma se considerava alemã. A raça nada tinha a ver com o lugar do nascimento. Não, não havia de tolerar a ameaça de um intruso na família, um negro. Para *Frau Marta* que não tivesse sangue ariano puro estava irremediavelmente condenado: era negro. Lore havia de casar com um filho de alemão (MOOG, 2005, p. 103).

“Negro”, no conceito de *Frau Marta*, era qualquer indivíduo que fosse miscigenado, que fosse brasileiro, melhor dizendo, que não fosse alemão, e, portanto, não sendo alemão não pertencia a raça pura, ao sangue ariano. O contato entre as duas culturas, indígena e germânica, começa a se manifestar na descrição da fisionomia dos personagens: “Seus olhos de tapuio se encontravam com os da feiticeira branca” (MOOG, 2005, p. 55).

O engenheiro amazonense, pacífico, resignado e sereno, não encontra forças para lutar pelo amor de Lore, ou ainda defender o Brasil e seus descendentes diante da sanha germânica. Paralelo a isso os alemães de Blumental defendem a independência do Rio Grande do Sul e demais estados do Sul, pois acreditam que sua região sustenta as demais, sobretudo as cidades localizadas no nordeste, que segundo a ideia dos teutodescendentes, somente dão despesas ao país e nenhuma contribuição econômica. Esse processo fica evidenciado na passagem que segue:

– Por favor, o senhor que é engenheiro e entende de números, então não está vendo logo? E o dinheiro que o Norte representa nas nossas despesas, sem entrar com quase nada para a receita? Veja as obras com a seca! [...] Quem paga diretamente são efetivamente os Estados do Sul (MOOG, 2005, p. 81).

O amazonense até tenta defender as regiões brasileiras evidenciando a importância de cada uma delas, discorrendo acerca de fatores positivos oriundos do norte do país, argumentando que muitas questões governamentais, independentes do povo, são as responsáveis pela situação de sua terra. Essa tentativa pode ser vista de acordo com a citação abaixo transcrita:

Tenho minhas dúvidas. Atualmente a exportação dos senhores para os países estrangeiros é diminuta. O verdadeiro mercado consumidor do Rio Grande é o Norte. Ele é quem fica com o excedente da produção do mercado interno: pergunto: teria o Rio Grande à sua disposição os mercados do país, no dia em que se constituísse Estado independente? O promotor vacila. Geraldo responde a própria pergunta, afirmava que não deviam fazer alusões. Na luta de concorrência contra os similares estrangeiros, em igualdade de condições, e os similares dos demais Estados, protegidos então por suas tarifas alfandegárias, o Sul estaria vencido. Ficaria sem mercado. Teria dentro de pouco tempo, na própria casa, um colapso pelo excesso, com todo o seu cortejo de crises (MOOG, 2005, p. 82).

Geraldo, no entanto, percebe o descaso dos que o cercam acerca das questões relacionadas a outras regiões do Brasil. O que importa aos teutos de Blumental é tão somente exaltar o sul e ter o seu povo, a sua cultura, os seus, em alta conta perante o povo de Blumental.

Moog denuncia na obra, a ideia de identidade sólida, inflexível, fixa, que os teutos tentam construir. Para Bauman, essa identidade não se faz possível, pois a sociedade se faz incerta e transitória quanto às identidades culturais, sociais e sexuais. “Qualquer tentativa de “solidificar” o que tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída” (BAUMAN, 2005, p, 12).

Daí se poder dizer que o debate sobre identidade (s) hoje, deve trazer em si a clara ideia de que tratar desse fato significa tratar de algo que é uma convenção social necessária, e quando se fala desse processo se fala também do colapso das instituições que construíram essa premissa e que hoje dão vez e voz aos marginalizados e marginalizadas da globalização: esses grupos se embrenharam nos interstícios e nas fissuras que a falência de algumas ideias e o vácuo de poder de determinados grupos deixou.

Negação à mudanças

Em Blumental, tudo segue criteriosamente os costumes e a ideologia alemã. Casas seguem o estilo e o padrão germânico, realizam-se desfiles e homenagens a Adolph Hitler, a igreja tem um estilo gótico. Até o rio, é, por diversas vezes, cotejado como se fosse o Reno. A viagem de Geraldo, no trem que seguiu da Amazônia até o sul do país, parecia por vezes ter sido mais longa, cruzado os oceanos até chegar à Alemanha. O engenheiro sentia saudades do Brasil, mesmo estando nele.

Para Hall, a atitude de negação a mudanças, a necessidade de manter-se numa representação da antiguidade, é a tentativa de manter a tradição. Isso faz parte de uma estratégia discursiva. De acordo com o autor:

O que Hobsbawm e Ranger chamam de a invenção da tradição: ‘Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas... tradição inventada significa um conjunto de práticas [...], de natureza ritual ou simbólica, que buscam incultar certos valores e normas ao comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado’ (HALL, 2005, p. 53).

No romance de Vianna Moog, pode-se notar a tentativa de manter a tradição por aspectos culturais relacionados aos costumes alemães, como por exemplo, os desfiles e as quermesses e ainda o tiro ao alvo. Costumes alemães que se preservam naquela comunidade na tentativa de não perder o vínculo com o seu local de origem, mantendo assim a tradição.

As diferenças entre a cultura, o amor impossível por Lore, e a ordem para a paralisação das obras, fez com que o engenheiro Geraldo partisse para o Rio de Janeiro. “O amazonense sente-se magoado e parte ao Rio de Janeiro, sem despedir-se de Lore: Estranho destino o seu, pensou tristemente. Do Amazonas, onde todos o queriam, ele fugira. De Blumental, onde queria ficar, tinha sido expulso” (MOOG, 2005, p. 178).

O discurso dos alemães forma uma preleção da cultura nacional, onde se constrói uma identidade que está posta, de modo ambíguo, entre passado e futuro. Assim, há uma espécie de equilíbrio entre as glórias que orgulham um povo, ou uma nação, e a vontade de prosseguir, avançando assim para a modernidade. Sobre o assunto afirma Hall (2005, p. 56) que:

As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar definitivamente para aquele ‘tempo perdido’, quando a nação era ‘grande’; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constituiu o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente, este mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as ‘pessoas’ para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os ‘outros’ que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a ‘frente’.

Essa representação conforme afe Hall que coloca a identidade como que a admirar um passado perfeito começa a ruir entorno dos alemães de Blumental e em especial, entorno da família de Lore quando o sobrinho de *frau* Marta chega da Alemanha. Ela acreditava que poderia casar a filha Lore com Otto, um verdadeiro

ariano, médico, assim, a família permaneceria, na visão da matriarca, pura, intocada quanto a sua raça e, portanto, digna. A seguinte passagem, extraída do texto de Moog (2005, p. 218) referenda a questão:

Imaginam receber em casa um homem forte, destemido, não aquele sujeito homem de fala branda que está na frente deles: ‘*Frau Marta* ficou a contemplar o primo. Estava decepcionada. Achava-o taciturno e sem aprumo marcial. Esperava um rapagão de postura rígida, ar esportivo e ceio daquela alegria de aço que tem a mocidade da nova Alemanha. Ali, entretanto, estava um homem prematuramente envelhecido, de olhos medrosos e ar arredio’. *Frau Marta* acha que o primo esconde algum segredo.

E o cenário se pinta em tons ainda mais escuros, dadas às informações trazidas pelo rapaz, que fugiu de Alemanha enquanto podia, antes que fosse expulso, uma vez que o governo descobrira antepassados judeus em sua família.

De fato, ele surpreende a todos quando afirma não pertencer ao partido de Hitler. A família se decepciona, pois espera um emissário do fúhrer e se depara com um inimigo do regime que, interrogado, revela a verdadeira situação na qual a Alemanha se encontra, ocultada pelos jornais censurados pelos nazistas, que circulam em Blumental: ‘Vive-se num regime de apertos... tantos gramas de manteiga e de carne por semana... Tudo rações medidas... É horrível’. *Frau Marta* e Karl enchem-se de ódio, não entendem o que Otto quer dizer, descrevendo o ídolo deles dessa maneira. Desconfiam até que Otto seja um traidor, expulso do Partido Nacional-Socialista. O primo, entretanto, mantém a calma, tenta justificar sua posição: ‘Os maiores pensadores da Alemanha estão exilados. Os nazistas ainda toleram Goethe, mas um dia ainda vão acabar descobrindo que ele era judeu... *Frau Marta* fuzilou sobre ele um olhar feroz: Goethe era ariano. Otto encolheu os ombros. Depois que descobriram que nós temos sangue judeu, não duvido de mais nada’ (MOOG, 2005, p. 219 - 220).

Esta informação de Otto deixa os primos estarecidos frente à novidade, uma vez que sempre acreditaram que pertenciam à “raça” ariana. Os primos no Brasil desconheciam os sofrimentos de Otto na Alemanha, assim como a real situação de precariedade e abandono, que assolava aquela nação.

Embora a novidade atinja a todos, *frau Marta* é quem mais sofre, já que costumava expressar seu ódio pelos judeus. E em uma guinada, ela que acreditava ser o sobrinho portador de boas novas da terra ariana, se percebe casada com um descendente de judeu, e que seus filhos carregam o sangue hebraico, e assim, seu discurso preconceituoso e cheio de razão, as intermináveis discussões com o doutor Stahl, sobre questões étnicas, perdem totalmente o valor.

Frau Marta sempre arquitetou planos de “manter a família pura”, casando os filhos com alemães, sentia orgulho de ter desposado um alemão, e desejava o mesmo aos seus descendentes. Para ela, esta era uma identidade fixa, indissolúvel. Não mutável, e desta forma, ela não aceitava outra condição.

Descobrir que ela também, de alguma forma pertencia a uma raça “inferior”, a fez perder o chão e até achar aceitável que a filha desposasse do engenheiro de sangue indígena, que há pouco ela discriminou e achou ser indigno de pertencer a sua família por ser católico e eles protestantes, por ser amazonense e sua filha, mesmo nascida no Brasil, alemã pura e ariana, sem hibridismos.

A dificuldade de aceitar que todas as nações modernas são híbridos culturais, e que a raça é apenas uma categoria discursiva e não biológica, gerou na obra diversos conflitos de raça e ideologia. Stuart Hall (2005, p. 62), sobre o assunto afirma:

Em vez de pensar que as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas e poder cultural/Entretanto – como nas fantasias do eu ‘inteiro’ de que fala a psicanálise lacaniana – as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas.

É importante salientar que o estudo do texto em questão deixa muito claro que o tema identidade (s) traz em si muitas ambivalências e revelações, como por exemplo, denotar a nostalgia que alguns grupos (no caso os alemães de Blumental) sentem em relação a um passado distante e que tal processo deve se conjugar, na contemporaneidade, à concordância com a fluidez da modernidade.

Vale ressaltar que este tema envolve uma série de preocupações e que a busca por uma identidade propriamente dita, talvez se constitua em uma tarefa muito difícil (mesmo impossível) de alcançar. Assim, ficou claro nesse estudo que a (s) identidade (s) é (são) apresentada (s) como uma invenção quando deveria (m) ser um descobrimento.

Assim, o grupo de indivíduos “compra” ou segue um determinado padrão tido como aceitável, sem nem ao menos questionar de onde ele veio, que alternativas foram dadas para que tal padrão fosse escolhido e não outro. E é daí que se erguem bandeiras e se traçam suportes (políticos, sociais, de gênero, econômicos etc.) para lutar por esse padrão e defendê-lo. Mesmo protegê-lo.

Como a personagem *frau* Marta percebeu, e os leitores e leitoras do texto de Moog também perceberam, as condições em torno das quais esses protótipos são

construídos, na maioria das vezes são precárias e a sua manutenção torna-se impossível no contexto da contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Humanitas, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- HOFFMANN, Geraldo. “Brasil Alemão” comemora 180 anos: alemães no Brasil: história. 25 jul. 2004. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,1274817,00.html>>. Acesso em: 28 nov. 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979.
- MEDEIROS, Márcia Maria de. Cultura e identidades - alguns apontamentos para uma discussão sobre o tema. *História. Debates e Tendências (Passo Fundo)*, v. 8, p. 388-398, 2010.
- MOOG, Clodomir Vianna. *Um rio imita o Reno*. Porto Alegre: Ed. IEL/Corag, 2005.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Notas

-
- ¹ Conjunto de particularidades de uma local ou região geográfica que inclui cultura, culinária, comportamento, etc.

Artigo recebido em 23/07/2013. Aprovado em 08/12/2013.